



## MEMÓRIAS DO *EUPROFESSOR*: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS, DESAFIOS E REBULIÇOS COM AULAS REMOTAS

Jorgeana Pereira de Carvalho<sup>1</sup>

### RESUMO

O ano de 2020 se tornou memorável devido as mudanças marcadas em quase todos os setores da sociedade, como saúde, economia, turismo e educação. A Pandemia da Covid-19 transformou a rotina de milhares de professores e alunos e a escola ultrapassou os muros e adentrou em nossos lares. A partir daí, nos deparamos com inúmeros desafios com o mesmo objetivo de não deixar nossos alunos desistirem e permanecerem na escola. Surgiu a proposta de aulas remotas, mas como adequar nossas aulas se não tivermos formação para educação com ensino à distância? Muitas possibilidades de formação continuada surgiram e nós professores fomos pôr a mão na massa, nos reinventar e mergulhar nesse universo digital para conseguir continuar nossa missão de educadores/as e. Hoje o foco está na metodologia e as ferramentas digitais são nossas aliadas para contribuir com o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes. Diante de tudo isso, o presente texto traz reflexões como eixo de análise e com isso, fita dialogar sobre os percursos ao longo desse ano pedagógico atípico. Esse trabalho tem como referências Edméa Santos e Marco Silva (2014), Paulo Freire (2000) que fundamentam sua cientificidade. Já os resultados se mostram por meio de constatações vivenciadas nas aulas remotas e que evidencia o fazer pedagógico por meio das ferramentas digitais.

**Palavras-chave:** Aulas remotas. Relato de memória. Ensino e aprendizagem.

<sup>1</sup> Especialista em Língua Portuguesa e Literatura; Especialista em Gestão Escolar e Graduada em Letras. <http://lattes.cnpq.br/5633953708645950>.

## Introdução

Escrever para se autoconhecer e aprender com nossas experiências é fazer memória. Somos constituídos delas, de cultura, interações e registrá-las pode inspirar outras pessoas a se tornarem mais imponderadas em usar as aulas remotas, que, hoje, trazem como foco a metodologia permeada de intenção pedagógica. Aprender a usar essas interfaces digitais aproximou escola e aluno, e a aprendizagem se fez presente em todos os nós. Por isso, o objetivo desse texto é dialogar sobre os percursos ao longo desse ano pedagógico atípico.

Sou Jorgeana Pereira de Carvalho, tenho 33 anos e destes, há 11 me dedico a missão de educadora. Sou professora da EEMTI Olegário Abreu Memória, do município de Nova Russas-CE, com as disciplinas de Língua Portuguesa e Redação. É uma instituição de ensino estadual com uma equipe muito competente e que se tornou uma segunda família para mim. Boa parte dos/as alunos/as da referida escola é da zona rural o que trouxe muitos desafios nesse novo cenário de educação com ensino à distância, por meio das aulas remotas. Diante disso, achei muito pertinente refletir tais mudanças atuais e registrar minhas impressões.

A pandemia da Covid-19 trouxe muitas transformações no mundo inteiro, desde o aspecto financeiro, cultural, esportivo, político, educacional, dentre tantos outros. Em relação a educação, modificou a rotina de milhares de professores, estudantes e suas famílias. E essa mudança veio com uma velocidade impressionante, visto que tivemos que adequar nossas aulas presenciais em ensino remoto, mesmo com todos os percalços. Diante disso, tive muita dificuldade em adaptar as aulas de português e em especial, as aulas de redação. Até então, eu costumava dar feedback individual das produções textuais dos alunos, considerando as competências exigidas da redação do Enem, e esse novo cenário educacional trouxe a necessidade de uma atenção maior dos professores para tentar aproximar nossos estudantes ainda mais da escola/aula, e tentar deixá-los seguros para a prática da escrita. É claro que o Google classroom foi um ótimo aliado, tanto para as aulas síncronas, como assíncronas, e que contribuiu para diminuir esse desafio.

Fui me aventurando nas ferramentas do Google, tais como, meet, agenda, forms, planilha, classroom. Por se tratar de uma ferramenta nova, precisei de um tempinho para me apropriar, mas eu também não senti tanta dificuldade, e, ao passo que as aulas iam acontecendo, fui adquirindo mais propriedade no manuseio do Google Classroom. De fato, essas ferramentas são de fácil acesso e traz uma rica sistemática com várias alternativas de como podemos trabalhar, desde as disciplinas divididas em tópicos, a possibilidade de programar aulas, anexar arquivos, vídeos, links, dar a devolutiva aos alunos, atribuir notas com comentários individuais, dentre tantas outras opções que facilitaram e agilizaram nossa prática pedagógica em tempos de aulas remotas.

Para continuar a sistemática de feedback das produções textuais, há um campo de dar a devolutiva aos alunos, em que estou adicionando comentários considerando cada competência e toda a

estrutura do texto. Assim, diminui a distância do acompanhamento da escrita dos meus queridos pré-universitário/as.

Vale ressaltar também, que nós professores/as, já tivemos em algum momento o contato com as TICs para fazer algum curso a distância, seja de modo síncrono ou assíncrono, logo, estamos em constante formação. Mas esse período atípico adiantou o processo e possibilitou esse acesso aos nossos estudantes, fazendo-os perceber as vastas possibilidades de aprender a aprender. Eu tenho consciência que esse modelo de ensino não é EaD, mas uma educação por meio das tecnologias digitais.

### **Metodologia**

Para começo de conversa, é importante fazer memória dos alicerces teóricos sobre a aprendizagem, tais como Skinner, Piaget, Vygostky, Freire que são nossa base da formação inicial. E junto a eles, conhecer autores contemporâneos como Edméa Santos, Marco Silva, Fernando Costa que são indispensáveis para nos auxiliar nessa reflexão sobre as novas práticas pedagógicas. O advento das tecnologias possibilitou uma flexibilidade de tempo e de espaço, curricular e mudança do papel do professor e do aluno. São muitas as competências necessárias para a prática docente atual, e o pesquisador Fernando Costa (2008) visualiza as “dimensões das competências docentes com as tecnologias digitais, sendo elas: Dimensão pedagógica, Tecnológica, Profissional e Metodológica” Isso significa que não adianta apenas conhecer as TIC, é importante “sensibilizá-los para a importância das tecnologias digitais”.

Paulo Freire (1996) enfatiza a necessidade de ressignificar o trabalho do professor para uma prática transformadora o que remete a prática libertadora da educação. Sendo assim, usar as interfaces digitais nas aulas remotas podem causar um rebuliço na aprendizagem dos alunos ao transformar os saberes em processo significativo de conhecimento. Sendo assim, o foco do professor é centrado na metodologia, pois o nosso público alvo de tornou como afirma Karine Pinheiro Souza (2014) os Nativos Digitais “que são influenciados por processos de participação em rede digital.

Barros (2007) afirma sobre o espaço virtual como espaço educativo,

“o tipo de aprendizagem que a influência da tecnologia potencializa nos contextos atuais passa, necessariamente, por dois aspectos: primeiramente, o relativo à flexibilidade e à diversidade e, em seguida, o relativo aos formatos. A aprendizagem do indivíduo sobre os temas e assuntos do mundo deve ser realizada de maneira flexível, com diversidade de opções de línguas, ideologias e reflexões.”

Aliado a essas novas interfaces presentes nas aulas de hoje, surge uma outra abordagem importante a refletir: Como avaliar nossos alunos através dessas novas metodologias digitais em aulas

remotas? Sobre isso, mais estudos se faz necessário para chegarmos a um denominador comum.

Ao considerar diversas informações sobre o assunto avaliação da aprendizagem, o vídeo de João Mattar ‘Avaliação Digital’ fala sobre várias abordagens da Avaliação da aprendizagem dos alunos numa educação a distância. O autor divide essa avaliação em cinco partes, sendo elas: “Quando?, Como? Quem? Quê? Relatório. Mattar explicita cada uma dessas etapas com muita clareza.

“Em relação ao **Quando?**, há uma ramificação em 3 partes: entrada, formativa e somativa. Já o **Quem?** Mattar aponta como fundamentação teórica a autora Ednéa Santos, logo ela faz o detalhamento em três dimensões: Autoavaliação, Coavaliação e Heteroavaliação. Mas e o **Como?** Mattar explica que pode ser feito de modo Individual, em grupo com fórum de discussão. Sobre o **Quê?** Teste de múltipla escolha, o moodle questionário, relação entre colunas, classificação gradativa das respostas, resposta discursivas. E finalmente o **Relatório**. Combinado a todas a propostas anteriores pode ser muito rico. Relatório que trazem estratégias que contribuem para a aprendizagem dos alunos. O importante é combinar todas as avaliações.”

O autor esclarece que essas são alternativas em formas de rol de opções em gradações com diferentes estratégias de avaliação para combinar nossas aulas remotas, como abordar diferentes designs de avaliação. Propõe que possamos mudar o nosso projeto, seja com atividades individuais mais que interativas em fóruns, ou mesmo repensar, mudar mais somativa.

Já no artigo intitulado ‘O fundamento comunicacional da avaliação da aprendizagem na sala de aula online’, de Marco Silva – UERJ, o autor inicia com uma série de questionamentos que nos levam a uma reflexão muito importante sobre o assunto. “O que é avaliar? Que postura temos para avaliar? E o que falta ele aprender, ou considero seus conhecimentos prévios?”.

Além disso, Marco Silva cita a autora Jussara Hoffman (2004a, p. 25), onde aborda o que podemos mediar para a construção da aprendizagem. Em que o professor muda de postura e deixa de usar a avaliação classificatória, somativa e passa a considerar avaliação mediadora, que busca investigar para melhorar, através do crescimento colaborativo. Hoffman (2004a, p. 25) elucida a sua “avaliação mediadora” em alguns pontos, tais como: Liberdade de expressão garantida, mediação a partir de atividades interativas e a atuação do professor. E sintetiza afirmando que “a avaliação nesse contexto é a reflexão transformada em ação”. Essa prática desperta a necessidade de impulsionar a novas reflexões do educador, com função dialógica e discursiva.

O autor também dá como referência o livro Avaliação da aprendizagem em educação online, de Marco Silva e Edméa Santos (2014), que mais uma vez, assim como o vídeo de Mattar propõe uma aprendizagem libertadora e uma postura reflexiva que mobilize o processo avaliativo no aluno. O livro faz pensar novos percursos, como Hetero, auto e coavaliação, descritos na descrição do vídeo acima, e sugere usar interfaces, como, fórum e chat que trazem sentimento de estar próximo e de que estar aprendendo com o outro, o que implica na diminuição do isolamento.

O autor Marco Silva também diferencia a “interatividade síncrona (comunicação em tempo real) e assíncrona (comunicação a qualquer tempo, quando emissor e receptor não precisam estar no mesmo tempo comunicativo).” E é com base em tudo isso que exponho minhas experiências em sala de aula, especialmente sobre a prática da avaliação.

Considero muito desafiante mensurar se os alunos estão conseguindo entender o que eu ensino. Para me auxiliar em relação a avaliação, aprendi a usar a plataforma Google Classroom, o *Meet*, Google Agenda, Google forms, dentre outras ferramentas. Elas estão sendo minhas aliadas nesse processo de aprendizagem e interação entre os alunos. Sempre após as aulas pelo *meet* eu disponibilizava uma atividade no Google sala de aula por meio do formulário de teste. Na aula seguinte, iniciava fazendo a correção. Mas não achei que estava correspondendo às expectativas dos alunos. Infelizmente, mesmo com muito diálogo, eles resistem em ligar as câmeras e as aulas se tornam muito isoladas e pouca interativas.

Depois, passei pesquisas sobre o conteúdo estudado e eles anexavam no aplicativo. Apesar de eu explicar sobre os resultados das pesquisas nas aulas seguintes, também não senti interação entre eles. Também já dividi equipes para apresentar a vida e obra de um autor literário durante a aula (*meet*) e, nesse momento, senti envolvimento entre os meninos. Resolvi inserir perguntas simples nos slides e eles se sentiram capazes de responder pelo chat. Troca de ideias e opiniões começaram a surgir.

Com tudo isso, tenho consciência de que não posso exigir dos meus alunos uma postura amadurecida relacionada ao ensino remoto. É muita novidade para todos nós, e especialmente para eles. Nós professores, já nos deparamos inúmeras vezes com cursos em EaD e já temos familiaridade com essa modalidade. Mas com nossos alunos é diferente. Não foram preparados para isso, por isso temos que ser compreensíveis e continuar buscando a melhor forma de levar aprendizagem. Hoje, todos os envolvidos na comunidade escolar estamos inseridos num processo através do qual “educandos e educadores aprendem sobre si mesmos e sobre o mundo no próprio ato da avaliação” (Marco Silva).

## **Resultados e discussão**

Refletir sobre como estou me adequando as novas práticas pedagógicas é assumir que estou aprendendo devagarzinho, mas de novo constante. Por outro lado, alguns cursos de formação tem me ajudado bastante ao mostrar diferentes estratégias para aulas remotas, como o Programa de Formação Continuada de Professores: Itinerário Formativo: Competências Digitais para Docência (SEDUC-CE/CIEB), disponível pelo AVA CED, o Curso de Extensão em nível de aperfeiçoamento em Letramento Digital e Tecnologia Educacional (LDTE) e o Curso de extensão em nível de aperfeiçoamento em Tecnologias Digitais na Educação (TED) da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Realização:



Parceria:



Esses cursos de formação continuada estão surgindo e com eles muitas dicas de como adequar nossas aulas com recurso das tecnologias. Hoje, elas são nossas aliadas. Embora saibamos que nossos estudantes tenham mais familiaridades ao uso das tecnologias digitais, por outro lado, nós, educadores estamos correndo atrás de atualizarmos e dar o melhor para nossos meninos e meninas. E, além disso, pais e professores também temos o cuidado de tentar reeducá-los para manusear essas ferramentas de maneira mais apropriada e que tragam aprendizagem. É sabido que a finalidade do mercado de inserir essas tecnologias, não foi com um fim educacional, mas financeiro.

Mas não cabe aqui entrar nesses detalhes. A partir das leituras deste curso, que mostram novas estratégias para construção do conhecimento desses nativos digitais provoca do professor um rebuliço de buscar inovar as nossas metodologias. E por isso, seguimos com a missão de sermos agentes de transformação na vida dos alunos. Sempre haverá resistência, mas ainda assim, estamos conseguindo conquistar nossos queridos pré-universitários/as. Há uma infinidade de possibilidades, mas o que estou achando mais interessante é a produção de material com autenticidade, como slides com design atrativo e lúdico, a possibilidade de manusear documentos de modo interativo, elaboração de mapa mental a partir de aplicativos.

A exemplo trago um mapa mental de autoria de uma aluna da 2ª série sobre o Parnasianismo, movimento literário que estávamos estudando em literatura no mês de setembro.

Figura: Mapa mental de uma aluna feito com MindMeister



Fonte: Arquivo no Google Classroom

Todas essas informações têm trazido uma agitação em minhas aulas, pois a cada aprendizagem vou tentando pôr a mão na massa e aprender a manuseá-las em sala de aula. Por exemplo, gostei demais da proposta muito esclarecedora da Glaciane Nascimento sobre o tutorial do kahoot, em que ela deixa a proposta de não termos medo de mexer, assim a gente aprende. Já fiz meu cadastro no site e estou treinando para usar nessa semana.

Outra novidade foi sobre como usar o Google Jamboard junto com o Google meet, mais uma ferramenta que fiquei encantada por proporcionar maior interação dos alunos durante a aula. Também

já estou tentando aprender para implementar em minhas aulas. Além disso, o tutorial Classroom – Comentários e nota, esclareceu o que eu já vinha fazendo, logo, semanalmente dou a devolutiva das atividades dos alunos com nota e comentários individuais, por outro lado, sanou uma dúvida sobre a devolutiva de notas com questionário com teste, que traz uma correção automática, em que basta clicar em importar notas e devolver para todos.

Mais um suporte muito rico foi a publicação na revista Nova Escola intitulado ‘Ensino remoto: como perder o medo e fazer do vídeo a melhor ferramenta para seus alunos’, que ‘traz as melhores práticas para construir aulas em formato de vídeos, a partir da experiência de educadores no país’. Sinceramente, eu não esperava ter essa coragem de estar diante da câmera. Mas o desejo de me aproximar dos meninos foi maior e já sinto maior familiaridade com o Meet. “Ao vivo: aulas síncronas facilitam interação, mesmo com desafios.”

Nesse mesmo site, além de esclarecer sobre aulas síncrona e assíncrona, também dá dicas gerais - Como melhorar sua aula ao vivo. A saber: Teste tudo antes, Microfones desligados, Combine códigos, Tira-dúvidas, Atenção ao chat e Experimente extensões. Outro aspecto muito relevante foi a dica de ‘Como gravar vídeos para aulas no ensino remoto | Conexão Educativa’, que evidencia o fato de o mundo estar cada vez mais colaborativo, então é importante pedir ajuda, feedback.

Todas essas diversidades de informações são muito esclarecedoras e todos esses subsídios são de uma riqueza inenarrável, com o foco na construção da autonomia, com um trabalho colaborativo, crítico e criativo.

### **Considerações finais**

A pandemia evidenciou um grande gargalo para a educação pois ficou clara a grande desigualdade de acesso à tecnologia para a aprendizagem no Brasil, e assim, determinou quem teria acesso ou não as aulas. Percebi ainda, que são necessárias não só ferramentas eletrônicas como um local apropriado para os seus estudos. São tantos casos que dificultam esse acesso ao saber, como por exemplo, boa tarde dos nossos meninos e meninas que não tem celular, ou se tem, não tem wi fi, às vezes compartilham o aparelho com toda a família, falta energia, outros tiveram que trabalhar para ajudar na renda da família. E todos esses percalços, nossa escola teve que conhecer para adequar e levar nossas aulas de modo que traga equidade na aprendizagem com fito de reduzir as desigualdades educacionais. Uma estratégia foi de disponibilizar material impresso, visto que, como expliquei no início do texto, temos um número significativo de estudantes residentes na zona rural, na qual diminui o acesso as mídias.

Tivemos que adequar nossa prática pedagógica, mudar a nossa maneira de ensinar de se incorporar e desenvolver as competências necessárias para fazer essa transformação. Aprendi que competência não é só saber fazer, mas atitudes, habilidades e conhecimentos, ou seja, saber e querer fazer. Além disso, há outro fator primordial, o de como fazer. E isso me levou a buscar os recursos para incorporar essas tecnologias em sala de aula. É aliada para a sala de aula. Tenho consciência que

o que sei é muito pouco, mas continuarei estudando e me dedicando para garantir a aprendizagem dos estudantes nessas aulas remotas.

O inesperado trouxe mais desafios, rebuliços e ensinamentos em nossa vida de educador/a, que já era complexa. Por isso, finalizo esse texto com as palavras de Mário Sérgio Cortella, quando afirma que “esperança ativa, resiliência, persistência e a capacidade de se reinventar nosso modo de fazer ela vem sendo tão necessária”.

## Referências

BARROS, Daniela. Melaré .V. **Tecnologias da Inteligência: gestión de la competência pedagógica virtual**. Madrid: Popular, 2007.

BARROS, Daniela Melaré V. **Estilos de uso do espaço virtual: como se aprende e se ensina no virtual?** Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG,34 (1): 51-74, jan./jun. 2009 Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2052/1/artigo%20Daniela.pdf>

COSTA, Fernando. (coord.) et al. (2008). **Competências TIC. Estudo de Implementação**. Vol. 1. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE).

MATTAR, João: **Avaliação em Educação a Distância / Avaliação Digital**. Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=IHL6hvlICJU> (Vídeo)

NASCIMENTO, Glaciane. **Como criar atividade Kahoot (CREDE 04)** Arquivo disponível no Módulo III do curso de Competências Digitais para a Docência (Ava Ced).

SANTOS, Victor. **Ensino remoto: como perder o medo e fazer do vídeo a melhor ferramenta para seus alunos**. NOVA ESCOLA traz as melhores práticas para construir aulas em formato de vídeos, a partir da experiência de educadores no país. Disponível no site: <https://novaescola.org.br/conteudo/19559/ensino-remoto-como-perder-o-medo-e-fazer-do-video-a-melhor-ferramenta-para-seus-alunos>. Publicada em: 27 de Julho | 2020

SILVA, Marco & SANTOS, Edméa. **Avaliação da aprendizagem em educação online**. Silva, M e Santos, Edméa. Edições Loyola. São Paulo- SP, 2014.

SILVA, Marco – UERJ. **O fundamento comunicacional da avaliação da aprendizagem na sala de aula online**. Artigo disponível no site: [www.saladeaulainterativa.pro.br](http://www.saladeaulainterativa.pro.br)

Realização:



Parceria:

